

Os ricos já pensam em aliviar a dívida

Externa

Há uma questão sutil em discussão na 43ª Assembléia Anual do Fundo Monetário e do Banco Mundial, que começará oficialmente amanhã, em Berlim Ocidental: trata-se do perdão de dívidas, ou redução, ou abatimento — qualquer desses nomes estará certo — para os países em desenvolvimento, como o Brasil. Alguns países desenvolvidos são francamente contra, outros discretamente a favor, mas o assunto ganha um espaço cada vez maior no noticiário. Ainda que seja, como ontem, só para que os ministros e governadores do Grupo dos 10, em comunicado oficial, manifestem sua rejeição à idéia e seu apoio, perfeitamente limitado, a condições especiais somente para os países pobres, ou de renda baixa, como se afirma em relação àqueles em que a renda **per capita** não superou os US\$ 410 em 1980, segundo critérios do Banco Mundial (Bird), escreve o enviado especial do JT a Berlim Ocidental, Fábio Pahim Jr.

Para quem esperava algo mais claro, pode frustrar. Para quem olha a tendência, o assunto vai amadurecendo. A Alemanha, por exemplo, é contra o perdão, e a mesma posição é a da Holanda. Mas se são contra o abatimento, ou **debt relief**, para os países em desenvolvimento, são a favor para os países pobres, como afirmou explicitamente o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus. O Japão deverá apresentar um projeto mais amplo para favorecer a recuperação dos países endividados. A França pretendia, mas não apresentará, uma proposta concreta no Comitê Interno, que é o mais importante fórum do FMI.

Aliás, Camdessus afirmou à imprensa desconhecer o assunto. Dos Estados Unidos, às vésperas das eleições presidenciais, deve-se esperar pouco. Mas mesmo sem qualquer coisa concreta, o assunto está evoluindo, seja entre os governos, seja entre os bancos. Estes estão cansados de saber que



Maílson: sem otimismo.

as dívidas não serão integralmente pagas. Mas como sua preocupação está com a qualidade dos créditos, querem juntar à idéia do desconto um ajustamento nos países devedores.

A questão não é tratada abertamente, principalmente entre os bancos. Afinal, fala mais alto o mercado secundário de negociação de empréstimos. E, nesse mercado, os títulos brasileiros têm sido cotados entre 50% e 55% do seu valor de face, mesmo tendo o Brasil levantado a moratória. Aliás, a situação atual não é nada má para os bancos: com os pagamentos brasileiros, as instituições norte-americanas lucraram US\$ 10,6 bilhões no primeiro semestre. E as ações dos bancos subiram na Bolsa de Nova York. A explicação foi dada pelo economista Jeffrey Sachs, de Harvard, assessor do governo boliviano: os bancos não esperavam que o Brasil pagasse.

Por outro lado, o ministro brasileiro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, lembrou ontem, aos países ricos que a difícil situação econômica das nações em desenvolvimento representa um importante obstáculo para o próprio crescimento dos países ricos. E pediu uma maior participação do Terceiro Mundo na definição das políticas globais.

Maílson endossou a posição

de outro membro do Comitê Interno do FMI, seu colega argentino Juan Sourrouille, no sentido de que a coordenação de políticas entre os países industriais amiúde ignora os interesses do Terceiro Mundo. O ministro da Fazenda salientou que os países em desenvolvimento não compartilham do otimismo imperante nas nações industrializadas com a aceleração do seu crescimento verificada a partir do ano passado. Se as condições não mudarem, não se poderá esperar nenhuma melhoria nos países em crescimento.

Maílson disse ainda, escreve o enviado Robert Appy, que é necessário reverter a sangria de recursos (pagamento do serviço da dívida externa) que custou US\$ 110 bilhões à América Latina e ao Caribe nos últimos cinco anos, e que já chega a US\$ 25 bilhões este ano.

Finalmente, relata o correspondente Luiz Cláudio Cunha, em vez do "domingo sangrento" que muitos temiam, a grande manifestação de ontem contra a reunião do FMI acabou transformando-se numa demonstração pacífica e bem-humorada de aproximadamente 50 mil pessoas de "verdes", sindicatos, organizações religiosas e feministas, ecologistas e outros grupos de um total de 151 entidades. Contidos por barreiras policiais três quarteirões antes do Centro Internacional de Congressos, no centro de Berlim Ocidental, e vigiados por 9.000 policiais, os manifestantes conseguiram arrancar aplausos e gargalhadas com seus protestos, como a figura de um jovem fantasiado de vampiro representando alegoricamente o FMI. Até um grupo de homens e mulheres, vestidos com uniforme verde, entrou na marcha distribuindo panfletos entre os manifestantes. Eram policiais, espalhando uma proclamação declarando todo o apoio do aparato policial ao "direito democrático de todos se manifestarem pacificamente".